

CAJUEIRO E BATENTE:

Caderno de práticas artístico-pedagógicas do Centro Cultural Maloca dos Brilhante.

Por Aleffer Moraes

Pacajus - Ceará, 2022

“Nas páginas desse cordel
eu conto fatos marcantes
quando os sonhos se transformam
numa história fascinante
virando história real
nosso centro cultural
a maloca dos brilhante

Maio de 2006
num dia muito inspirado
em uma dessas viagens
que Vandr  faz ao estado
com a amiga Nívea Chagas
porém ali começava
um sonho realizado

A partir daquele momento
As sementes eram plantadas
e depois de alguns meses
elas eram geminadas
e hoje dez anos fazemos
e quantos frutos já colhemos
oh terrinha abençoada

Capoeira e teatro, artesanato e karat 
a cultura como um todo
quer aqui agradecer
do fundo de nossa alma
uma grande salva de palmas
para o CCMB.”

POETA VALDENOR CORREA, 2017



FICHA TÉCNICA

AUTOR

Aleffer da Silva Morais

ORIENTAÇÃO

Profa. Dra. Juliana Rangel de Freitas Pereira - Universidade Federal do Ceará

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilson Brandão Costa - Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Antonio Gilvamberto Freitas Felix - Secretaria Estadual de Educação

COLABORADORES DA PESQUISA

Maria da Paz - Coordenadora Operacional

Patricio Ramonn Teixeira Lira - Coordenador Pedagógico

Lana Furtado - Educadora de Teatro

Yuri Allan - Educador de Fotografia e Audiovisual

Filipe Nogueira - Educador de Música

Roni Flow - Educador de Artes Visuais

Alexandre Rilker - Educador de Dança

Thiago Moreira - Educador de Cultura Afro Brasileira

Lázaro Jhonys - Assistente administrativo

REVISÃO

Patricio Ramonn Teixeira Lira - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

FOTOS

Felipe Sousa

APOIO

CENTRO INTEGRADO DE ESTUDOS E PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - CIEDS

CENTRO CULTURAL MALOCA DOS BRILHANTE - CCMB

Vandré Brilhante - Diretor Presidente

Fábio Muller - Diretor Executivo

Roselene Souza - Diretora Executiva Adjunta

Rosane Santiago - Diretora de Gestão, Tecnologias e Inovação

Noemi Braga - Diretora Administrativa-Financeira

Aldeli Carmo - Gerente de Inclusão e Bem-Estar

José Claudio Barros - Gerente de Engajamento Comunitário

Ana Muniz - Gerente de Educação

Este caderno é apresentado como trabalho de conclusão de curso (TCC), ao Curso de Teatro-licenciatura da Universidade Federal do Ceará.

*Todas as fotos e as entrevistas foram autorizadas.
É permitido o compartilhamento deste material,
desde que citada a fonte.
É proibida a reprodução deste material com fins
comerciais.*



“Pés na areia, amor em fazer parte, coragem para apoiar a mudança que queremos no mundo”.

Ana Karen, ex-aluna e voluntária do Centro Cultural Maloca dos Brilhante

Temos que saber o que fomos, para saber o que seremos.

Dedico este caderno pedagógico-artístico a Paulo Freire (in memoriam), educador que segue inspirando projetos alternativos de ensino e educadores do mundo inteiro.

Resumo

Brincar reisado e ciranda, aprender a conviver, crescer e se desenvolver juntos. Na potência dos encontros entre mestres e comunidade, saberes e fazeres populares nos terreiros com educadores sociais engajados, nascem práticas artístico-pedagógicas inovadoras e emancipadoras, que permitem reflexões sobre cidadania e constroem conhecimento e educação na perspectiva de desenvolvimento de si e do mundo.

Palavras Chave: Maloca dos Brilhante, Arte-Educação, Práticas Artístico-Pedagógicas.

AGRADECIMENTO

A Deus, força divina que me faz seguir.

Aos meus pais, dona Dulce e seu Aauto, pelo incentivo a educação e apoio incondicional.

A minha orientadora, professora Juliana Rangel, pelas provocações e suporte.

Ao Centro Cultural Maloca dos Brilhante pela oportunidade de mudança e aos meus colegas de trabalho que colaboraram com esta pesquisa.

Ao meu amigo Rafael Brito, pela sua sinceridade e apoio neste percurso.

Ao amigo Patrício Ramonn, pela revisão e apoio.

Aos Professores da banca examinadora, Gil Brandão e Gilvamberto Felix, que me trouxeram tanta alegria e ensinamentos na UFC.

Aos professores e funcionários do curso de Teatro-Licenciatura da UFC.

Aos colegas de curso dos diferentes semestres que vivenciei, partilhamos aprendizagens marcantes.

A este processo investigativo e criativo, que me fez olhar para dentro, para minha formação e propósito enquanto artista-pesquisador-docente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Página 02 - Fachada do Centro Cultural Maloca dos Brilhante

Figura 02 - Página 06 - Foto de ex-aluna e voluntária

Figura 03 - Página 21 - Foto da educadora Lana Furtado

Figura 04 - Página 22 - Foto da educadora Yuri Allan

Figura 05 - Página 23 - Foto da educadora Filipe Nogueira

Figura 06 - Página 24 - Foto da educadora Roni Flow

Figura 07 - Página 25 - Foto da educadora Alexandre Rilker

Figura 08 - Página 26 - Foto da educadora Tiago Moreira

SUMÁRIO

CAJUEIRO E BATENTE: No encontro das seivas das nossas histórias.....	9
RAÍZES: A educação com arte e o terceiro setor.....	14
SEMEAR: Conhecendo e plantando com o CCMB.....	18
BATENTE: Práticas artístico-pedagógicas na Maloca.....	27
BALAIÓ: Encontros e potências coletivas.....	37
REFERÊNCIAS.....	42

CAJUEIRO E BATENTE: no encontro das seivas das nossas histórias

Sob o sol quente do sertão tirar o caju do cajueiro, comer com amigos, sorrir e brincar na sua sombra, correr para capoeira, pintar a parede, comer bolo fresco e ver um computador pela primeira vez, tomar banho de chuva e entender que o caminho de casa é uma aventura. Essas memórias, cheias de simplicidade, me fazem sentir feliz, me dão saudade e me provocam sensações e emoções únicas, pois fizeram da minha infância e adolescência uma época cheia de afetos.

Falar sobre nós é sempre algo ímpar, um importante exercício de autoconhecimento e reencontro, tenho feito isso de forma única e incrível neste encerramento de graduação no Curso de Teatro-licenciatura da Universidade Federal do Ceará-UFC, onde tanto na escrita deste trabalho de conclusão de curso- TCC, quanto nas disciplinas de direção, noto que mais uma vez trago os meus atravessamentos sobre os espaços de arte e educação que ocupei e como eles contribuíram para minha formação.

Crescer no meio do terreiro com reisados, quadrilhas juninas, violas e mestres, fizeram minha vida florescer, fazer arte na rua, na escola, na igreja, nas calçadas e batentes, me deram identidade e raízes.

O meu fazer cultural e vida estão no interior, na cidade de Pacajus/CE, por isso, inserido em um contexto de dificuldades de acesso à educação de qualidade, valorização da arte e cultura local, me sinto o tempo todo provocado a falar e dar evidência ao a estes temas, compreendendo o fazer cultural no interior do Ceará como potente e as manifestações culturais populares como espaço de educação, a arte que pulsa nas margens da capital e que tanto contribuem para a formação sócio-cultural local, que são direitos, deveriam ser políticas públicas efetivas de desenvolvimento e necessitam, ainda hoje, da nossa participação social para que sejam efetivados, ou, da nossa coragem e inovação em criar e fortalecer espaços alternativos de educação.

Ter sido aluno de escola pública a vida toda, ser aluno de universidade pública, ser um jovem periférico, preto, pobre e batalhador, fazer parte, ocupar e apoiar as iniciativas educacionais independentes do terceiro setor fazem de mim um acaso, parte de uma rede que conseguiu, a custos de esforços históricos e ações afirmativas, se educar. Assim poder ir ao encontro das seivas da minha história, atravessadas pelo batente realizado pelas iniciativas comunitárias, como a do CCMB, e partilhar esse processo de forma(ação) neste trabalho, me faz sentir grato e realizado enquanto artista, educador, cidadão.

Hoje, adulto e em processo constante de descoberta, me deparo artista - pesquisador - docente e o que tem me interessado como campo de pesquisa, que mobiliza o artista e o docente são: a memória, os afetos, os encontros, o brincar, as brincadeiras, manifestações e expressões da cultura popular. Início esta pesquisa escutando narrativas orais que partem das minhas memórias, da escuta dos mestres que faz parte da nossa trajetória pedagógica do Centro Cultural Maloca dos Brilhante, local onde vivenciei minhas primeiras vivências em arte-educação e hoje integro a sua equipe pedagógica, para compreender como podemos tecer aprendizagem, partilha e articulação entre arte educação, no desejo de observar e avaliar como educadores, alunos e comunidade podem estar inseridos em práticas artístico-pedagógicas.

- Vestígios de histórias de Pacajus

Sáimos da capital Fortaleza, rumo ao sertão, para uma cidade no meio do vale do caju, chamada Pacajus. Pacajus é um município brasileiro do estado do Ceará. A distância para Fortaleza é de 51,1 km. A via de acesso para a capital é a BR-116. Localiza-se na Região Metropolitana de Fortaleza. A população total do município é de 61 846 habitantes, de acordo com a última estimativa do IBGE-2010.

Pacajus é um topônimo indígena da etnia Paiacu, que habitava estas terras até serem sediadas pela colonização imperial e católica. Embora cercada de história, a população desconhece essa relação ancestral do surgimento da cidade, além da trajetória e aspectos étnicos e histórico culturais dessa formação municipal, o que nos leva a refletir

sobre nossas identidades, já teve índio aqui? Quanto do nosso povo não conhece essa história? Qual a relação que estabelecemos com a história do lugar onde vivemos?

Segundo o IBGE (2010), a aldeia de Paiacus, posteriormente denominada Monte-Mar-O-Velho, foi o núcleo formador do município de Guarany, hoje Pacajus. Em 1696, após trinta anos de conflitos com os capitães-mores, dirigentes da capitania do Siará Grande, auxiliados por tropas paulistas comandadas por mestres de campo especializados em guerrilhas com os nossos aborígenes, foram os Paiacus aldeados pelo Padre João da Costa, da congregação de S. Filipe Neri, no lugar denominado de Aldeia de Nossa Senhora da Madre de Deus – Aldeia dos Paiacus, situada às margens do Rio Choró – núcleo da hoje cidade de Pacajus, onde tiveram uma légua de terra demarcada em 1707. No centro da légua de terra doada para os índios Paiacus em 1707, construíram eles, em 1865, uma igreja de paredes de taipa e caibros de carnaúba, ainda hoje existente, apesar de bastante descaracterizada, formando em redor da mesma um casario de beira-e-bico, o que motivou a criação do município com em 1890. A denominação de Pacajus veio em 1943.

Atualmente, a cidade tem como vocação o comércio, a agricultura e a indústria. Embora terras indígenas, não temos remanescentes autodeclarados em pleno 2021 em Pacajus, o que ainda nos resta são excelentes pesquisadores que têm se dedicado a rememorar o legado dos nossos povos ancestrais e tentar trazer às novas gerações. Ao parar para construir este caderno, cabe destacar que, observei que não consta em páginas do IBGE e em documentos do censo a existência também da comunidade remanescente quilombola de base, situada na zona rural de Pacajus, comunidade reconhecida pela Fundação Palmares.

A comunidade remanescente quilombola da base é a prova viva da nossa ancestralidade e miscigenação em Pacajus, os mestres da base falam que Pacajus surgiu do encontro do Nego Cazuzá, que saiu fugido do porto do mucuripe e só parou para descansar às margens do rio Erere, onde viu índios e se encantou por uma índia, formando um casal que deu origem a Pacajus. Quanto do nosso povo não conhece essa história oral que nos forma e nos traz relações de pertencimento ao nosso corpo, a comunidade na qual fazemos parte e a nossa identidade.

Na busca por conhecer Pacajus, podemos perceber que atualmente, a cidade não possui centro cultural público, nem salas de exposições para espetáculos e cinema públicos, o que não diminui a expressividade da produção cultural em diversas linguagens artísticas porém é uma necessidade pública que carece de um olhar para este fato. Do ponto de vista de arte - educação, as escolas de ensino básico cumprem a missão junto às secretarias da educação e de cultura, que buscam ofertar formação, mas o destaque está no terceiro setor, conforme iremos ver a seguir.

Você já viu um cajueiro? Já comeu cajú? O cajueiro é uma árvore nossa, falo isso porque para todo lugar que se olha aqui se vê um cajueiro. Aliás, víamos cajueiros, eles estão sendo arrancados dia após dia, como nossa memória e identidade, que vão se perdendo, indo rumo ao apagamento. Cajueiro é uma árvore popular do nordeste, onde quase tudo se aproveita, garante alimento e sustento para milhares de famílias. Já o batente é, hora onde trabalhamos e outra, onde trocamos uma ideia, uma história nas calçadas. Este trabalho de conclusão de curso tem este título em uma justa homenagem a árvore onde brinquei na infância, que garantiu sustento a minha família, que é símbolo da cidade onde cresci e estou construindo minha vida pessoal, profissional e artística. No Batente, ouvimos histórias, encontramos nossos mestres, vemos o reisado e outras manifestações passar e as tradições culturais se encontram no nosso corpo de memórias, assim cresci e muitos cresceram.

Cajueiro e batente também são espaços de aprendizagens, por isso dão título a este caderno, que tem caráter artístico e pedagógico e configura-se como um convite a conhecermos uma iniciativa que tem apoiado a mudança de vidas e desenvolvimento sociocultural de milhares de crianças e adolescentes pela arte - educação, trata-se de um caderno de artista que faz o mapeamento de princípios que fincam raízes na arte que pulsa nos encontros de pessoas que movimentam o Centro Cultural Maloca dos Brilhante, espaço de aprendizagem onde cresci, busca evidenciar um conjunto de práticas inovadoras em arte-educação e compreender como essas fortalecem o educador, educando e território.

Sou fruto desta iniciativa que iremos conhecer logo mais, onde fui aluno, voluntário e hoje estou colaborando como coordenador gerencial técnico. Escrever sobre este e o papel que essas marcas de memória que a Maloca escreve

também no meu corpo, que teve e tem em minha vida é sinônimo de reconhecimento e gratidão, é compreender também o impacto para o desenvolvimento social, cidadão, educacional e cultural que este tem para a cidade de Pacajus, é convidar mais pessoas a se engajarem nesta iniciativa artística-social.

Este caderno de práticas artístico-pedagógicas propõe aprendizagens, surge para ser compartilhado, para reconhecer nossa identidade e potencialidades no campo do ensino e, sobretudo, para ampliar a percepção da população sobre o potencial do nosso território, do nosso fazer cultural, da nossa identidade e patrimônio. As práticas aqui apresentadas são protagonizadas por professores, arte-educadores, uma nova geração que vê futuro em nosso povo, merecem reconhecimento.

Ao longo deste nosso encontro, entre você leitor e este caderno, iremos conhecer melhor o autor, a contextualização da arte educação e os espaços de educação formal e não formal, conheceremos o território de Pacajus, o Centro Cultural Maloca dos Brilhante, a Escola Livre de Cultura Maloca das Artes, conheceremos as práticas artístico-pedagógicas mediadas pelos educadores, bem como seremos convidados e brincar e contribuir juntos com este balaio que tem gerado prosperidade.

Desejo uma ótima leitura e partilha a todes!

RAÍZES: A educação com arte no terceiro setor

“Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver.”

Bertolt Brecht

A arte é uma das principais formas de comunicação, integração e expressão cultural na sociedade, é uma manifestação estética, que utiliza diferentes linguagens, como o desenho, a escultura, a pintura, a escrita, a música, a dança, o teatro e o cinema, dentre outras linguagens, inovações e em suas variadas combinações.

O que pretende a educação artística? Essa questão continua a circular na dimensão simbólica, em um caráter de construção coletiva, o cerne está em despertar e desenvolver nas pessoas a linguagem artística, para atuarem na sociedade por meio dela. Propor experiências estéticas para os alunos, apresentá-los às diversas linguagens artísticas, estimulando a expressão e senso estético por meio da arte é o principal propósito da educação artística. O desenvolvimento de novas habilidades e uma leitura do mundo sob a perspectiva das artes amplia perspectivas de socialização e desenvolvimento humano. A educação artística existe para promover encontros criativos, esta expressão parece mais atraente, uma vez que pode promover um caráter coletivo e partilhado, ideia defendida na educação para o futuro.

A que serve a arte? Essa provocação até hoje é debatida, inclusive ganhou destaque em termos ideológicos e políticos nos últimos anos e continua efervescente nos debates. Hoje estamos em uma crise sanitária, econômica - multisetorial no Brasil e nesse mundo utilitarista no qual vivemos, este debate sobre arte é inerente a nossa atualidade. Arte também como lugar de crítica, como espaço de construção de conhecimento e produção de sentidos. Devemos considerar a arte como um fator inerente a nossa existência e desenvolvimento. Assim, a arte segue sendo um espaço fluido e em constante ressignificação.

Já o termo Arte-educação foi incorporado ao vocabulário acadêmico e artístico e passou a ocupar um espaço significativo nos debates sobre a função da arte na atualidade. Atualidade esta que nos convida a viver a arte de outra forma, voltada para a produção do conhecimento. É preciso entender que a Arte participa da vida dos seres humanos, refletindo sua essência, e em muitos momentos os anseios de sua alma. Não há como desvincular a Arte de outras disciplinas e inter relações humanas. Seu surgimento é inerente ao homem e, mesmo antes da escrita surgir, a Arte já estava presente. Conhecer a História da Arte, suas manifestações e a forma como ela esteve representada em cada momento histórico, é captar a arte como expressão da própria história da humanidade (PEDROSO, 2012).

Para compreender minimamente os desafios atuais da vida contemporânea, precisamos refletir que uma geração inteira nasceu em plena globalização, que tem consequências para nossos modos de vida. As mudanças tecnológicas, demográficas, culturais, sociais, ambientais, econômicas e políticas têm imprimido e provocado novas estruturas de construção de conhecimento, novas necessidades e reflexões para a vida em sociedade . Visto isso, é válido destacar as iniciativas solidárias informais realizadas por cidadãos, aqui no Brasil por volta dos anos 70, iniciativas estas que chamamos de terceiro setor e que tinham como premissa a integração escola - comunidade.

O passado já previa isto, só relembrar o capítulo I da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) que diz:

Art. 1º A Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Abrimos espaço então para a educadora Ana Mae Barbosa (2018) que diz, “aprender por meio da arte faz parte de uma educação integral, inclusive porque ajuda a desenvolver outras áreas do conhecimento, uma vez que os estudantes precisam mobilizar diversas habilidades, como a capacidade de interpretação, criatividade, imaginação,

e os aspectos afetivos e emocionais, além da própria inteligência racional e das habilidades motoras”. Nesse contexto, a educação artística é um importante campo de desenvolvimento de conhecimento e desenvolvimento educacional e social.

A educação artística no Brasil sempre foi um tema amplamente discutido e fortalecido no campo acadêmico e social e desmoralizado e sucateado no campo da política pública e ação pública, tendo nos movimentos sociais e organizações espaço de defesa. Temos medo de participar, de representar, de ser coletivo, esse medo promove movimentos de apagamento de lutas sociais, enfraquece a fé e convicção coletiva, por isso enquanto agentes de uma política, devemos nos reconhecer como participantes da criação.

Os pactos globais surgem quando líderes não se entendem, não há consenso, mas precisa haver colaboração para a subsistência, é necessário uma provocação ao invés de integração, desqualificando a sinergia de ideias e povos, mas são eficientes quando para a Unesco (2020): “A educação artística – aprimorada pelas sinergias reforçadas entre os setores de cultura e educação – é um componente fundamental e complementar para a paz e o desenvolvimento sustentável, que possibilita e enriquece os valores essenciais que nos conectam a todos”.

Segundo Silva (2021), a educação no Brasil é constituída de três formas, aqui focaremos na educação não-formal, que é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de progressão. Não precisamos de tantas definições, mas precisamos compreender que todos estes são espaços de aprendizagem, como nos apresenta Cortella (2000):

“Espaço de aprendizagem é o lugar da realização da aprendizagem dos sujeitos orientado pela ação intencional do outro.”

A prática artístico-pedagógica nesses espaços do terceiro setor pode se manifestar por meio de valores culturais, sociais ou até mesmo na formação interdisciplinar e profissional desses educandos. Não há preocupação com

classificações, avaliações sem parâmetros próprios e internos e o foco principal passa a ser o bem estar e a formação cidadã do indivíduo.

Parte desse formato se deve ao movimento de Arte-Educação, que se constituiu fora da escola regular, em museus, escolinhas de arte e, posteriormente, subsidiou a prática educacional com idéias, metodologias e técnicas para o ensino de arte quando houve a integração da Arte na educação escolar brasileira como componente curricular. Tratou-se de um longo processo histórico permeado de intercruzamentos de concepções estéticas, filosóficas e artístico-pedagógicas, de práticas educativas, de visões de mundo e de convicções políticas, ou seja, uma teia de significados múltiplos. (FUSARI; FERRAZ, 2004).

Assim, o processo de busca por melhorias no ensinamento de Arte foi apoiado por movimentos importantes como o movimento Educação Através da Arte e o Arte Educação. Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) obteve-se uma visão compreensiva da Arte nas escolas, começando desde a Educação Infantil e indo para os demais níveis da Educação Básica. Com isto, nos meados da década de 90, a Arte se consolidou nas escolas, não sendo mais reconhecida como Educação Artística, e sim como disciplina que possui conteúdos próprios e que deixou de ser uma simples atividade para se tornar parte da cultura e de maneira significativa.

Na atualidade, diversas iniciativas de arte educação no Brasil são mantidas por movimentos sociais e organizações sociais, bem como tem nestes importantes articuladores de fiscalização, monitoramento e participação no controle dos avanços de fortalecimento da arte educação no campo da política pública brasileira.

Agora, iremos voltar nosso olhar para a iniciativa de Arte com a comunidade, realizada na cidade de Pacajus, no interior do Ceará, no Centro Cultural Maloca dos Brilhante- CCMB e sua Escola Livre de Cultura Maloca das Artes, iniciativas da organização social Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável.

SEMEAR: Conhecendo e plantando com o CCMB

O poeta Valdenor Correia narra em seu cordel o surgimento do Centro Cultural Maloca dos Brilhante - CCMB, em 2007. Poeta, como é popularmente conhecido pode ser facilmente encontrado nas ruas de Pacajus/CE ou no próprio CCMB, faz valer a narrativa de que o CCMB é um espaço onde as pessoas se encontram e se desenvolvem, juntas! A sombra dos cajueiros, na palhaça ancestral ou no batente das mangueiras, as gerações partilham as memórias e ensinamentos, sementes são plantadas e raízes vão se perpetuando e dando sentido e identidade ao que ali estão.

Em março de 2007, a partir de uma ideia e união de 12 irmãos, a família Brilhante presenteia a cidade de Pacajus com o Centro Cultural Maloca dos Brilhante, um espaço dedicado ao resgate e preservação da memória, voltado para o desenvolvimento da sua população, a integrando em um espaço de aprendizagem.

Idealizado pelo pacajuense Vandrê Brilhante e família, o Centro Cultural Maloca dos Brilhante - CCMB é gerido pelo CIEDS, Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável, no qual Vandrê é fundador, uma organização social sem fins lucrativos com atuação em todo Brasil, eleita em 2021 a 2ª melhor ONG do Brasil e a 54ª no mundo (CIEDS, 2021).

Em 2022 o CCMB completará 15 anos e atualmente é o único centro cultural da cidade, importante equipamento de desenvolvimento sociocultural e educacional, ponto de cultura reconhecido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, desempenha papel estratégico na vida do povo de Pacajus e região, realiza projetos, programas e ações que fortalecem todo o ecossistema de desenvolvimento social e cultural. Oferta, de forma gratuita, através da Escola Livre de Cultura Maloca das Artes, projeto reconhecido e apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará através do I Edital de Escolas de Cultura e Formação Artística, seis cursos/vivências em artes que beneficia mais de 350 crianças, adolescentes, jovens e adultos por semestre.

Além disso, oferece programação variada com produção local e regional em seus diversos espaços que incluem Teatro, Anfiteatro, Jardim, Pátio, Biblioteca, Sala de Exposição e Sala Multiuso e Laboratório de Empreendedorismo e Inovação. O Centro Cultural Maloca dos Brilhante - CCMB é um espaço aberto a jovens, adultos, idosos e crianças pacajuenses, onde se encontram e aprendem uns com os outros. (CIEDS, 2021)

- A Escola Livre de Cultura Maloca das Artes

A Escola livre de Cultura Maloca das Artes surgiu junto com o CCMB a partir do agrupamento das atividades de formação, pesquisa e criação que eram ofertadas de forma isoladas no complexo do Centro Cultural Maloca dos Brilhante - CCMB, observada sobretudo, a necessidade de aperfeiçoamento dos artistas e arte-educadores, a necessidade de criação de um espaço de iniciação artística com bases metodológicas, acompanhamento artístico - pedagógico adequado e reconhecimento dos arte - educadores.

Assim, surge o projeto Escola Livre de Cultura, que até então funcionava de forma independente e sem recursos financeiros. Em 2017, através de uma intensa mobilização de esforços da direção do CCMB, a escola foi contemplada no edital EDITAL ESCOLAS DA CULTURA 2016- ESCOLAS LIVRES DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL, da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará. A partir deste divisor, a escola passou a ter recursos para custear equipamentos, materiais para as aulas, fardamento e, sobretudo, remunerar os arte- educadores que antes recebiam ajuda de custo ou eram voluntários.

Atualmente, são ofertados os seguintes cursos de iniciação artística: Teatro, Dança, Fotografia e Audiovisual, Música, Cultura Afro-Brasileira, Artes Visuais. O acesso aos cursos são gratuitos e as aulas ocorrem em horário comercial, incluindo os sábados, e as atividades ocupam e movimentam todos os espaços do CCMB.

Maria da Paz, coordenadora do CCMB desde sua fundação, relata: “A escola é nosso principal projeto porque foca na formação, nas novas gerações, na construção de conhecimento e reflexão sobre nossa identidade”. (SÁ, 2021).

A partir da integração dos diferentes agentes, que envolvem coordenação, educadores, alunos, pais e responsáveis, além de artistas e comunidade, foi criado em 2017 um Projeto Político Pedagógico - PPP da escola, que aborda as principais questões de sua existência, metodologia e integração. O PPP, enquanto instrumento de gestão pedagógica, nos auxiliará a compreender importantes questões pela frente.

O PPP da Escola Livre de Cultura Maloca das Artes (2017), traz questões importantes às quais iremos destacar sobretudo seu objetivo principal, que é: “Promover a Escola Livre Maloca das Artes em Pacajus, realizando cursos em diferentes linguagens artísticas, construindo coletivamente um espaço de múltiplas interações, de livre criação artística e formação, valorizando os ativos do território e suas características socioculturais e históricas.”. Assim, observa-se que a escola busca fortalecer o universo da arte - educação, através da valorização do território e sua cultura e o desenvolvimento sociocultural da região.

Cabe destacar que o PPP não é um instrumento obrigatório para escolas da educação não formal. Patrício Ramonn, coordenador pedagógico, complementa: “A escola, para atingir seu objetivo, define um semestralmente um tema identitário em diálogo com o PPP”. (LIRA, 2021). Na próxima seção deste caderno iremos conhecer esse tema a partir da nossa prática pedagógica.

Atualmente, a escola tem um corpo pedagógico formado por profissionais do território, com exceção do educador de artes visuais, que é da capital Fortaleza. A grande maioria possui formação na área da linguagem na qual é educador. Realizei aplicação de entrevista semi - estruturada junto ao educadores, a fim de os conhecer melhor e agora iremos conhecer a seguir um pouco do perfil dos educadores, para isso eles mesmos irão se apresentar:



Lana Furtado - Educadora de Teatro

“Sou formada na arte, primeiramente pelo teatro na escola e acredito que este, foi um dos mais importantes pra minha carreira profissional. Apesar de começar de forma intuitiva, onde sem conhecimento técnico, eu mesma criava o texto, dirigia e interpretava as histórias, foi essa experiência que me apresentou o teatro como possibilidade artística e profissional, onde eu podia sonhar e realizar o que quisesse. Ao longo dos anos estudantis a formação foi acontecendo junto a oficinas e grupos com quem tinha contato, a igreja, projetos sociais e comunitários. Daí o trabalho com jovens da comunidade e em seguida o desejo pela profissionalização. Sou graduada em Teatro, pós-graduada em arte-educação com ênfase em teatro e mestranda em Artes. Atuo como professora de teatro para crianças e jovens. Pesquiso nas linhas do Teatro com criança e na Formação docente de professores de arte. Ministro oficinas e minicursos de teatro e arte-educação, para crianças, jovens e professores de arte.”



Yuri Allan - Educador de Fotografia e Audiovisual

“A área do audiovisual sempre existiu, mas com o boom das redes sociais as pessoas foram criando um gosto maior pela produção de fotos e vídeos, mas como a cultura nunca foi o ponto principal de apoio das gestões, o audiovisual seguiu o mesmo caminho. Então existe uma escassez muito grande de profissionais. Por isso, minha atitude de passar meu conhecimento por um valor simbólico, foi minha forma de ajudar a cultura local do audiovisual a se erguer. Muitos ainda fazem o que aprende na internet, mas não tem base e estudo sobre, por isso existe muito lixo visual na comunicação em geral aqueles que fazem um curso e se profissionalizam na área saem na frente, mas tem que lutar contra os estereótipos e a falta de valorização ainda. Precisamos juntos mudar essas ideias e visão sobre o audiovisual na cultura local e isso só será possível juntos. Passei por todas essas ocasiões e ainda luto pelo melhor na área da foto e vídeo.”



Filipe Nogueira - Educador de Música

“O curso de Música da UFC promove a formação de Educadores Musicais, ou seja somos primordialmente educadores que utilizam a música como suporte. Partindo disso tive a oportunidade de participar de alguns projetos educacionais. O primeiro deles foi o Estágio Supervisionado, onde dei aulas de musicalização e violão em uma escola municipal para alunos do Fundamental II. No fim do curso como parte do Projeto Especial em Educação Musical dei aulas coletivas de violão para os funcionários do SINTUFCE, alunos geralmente acima dos 40 anos. Após a faculdade tive a oportunidade de integrar o Coral Canto da Casa que dava oportunidade para adolescentes carentes do entorno do bairro Messejana de formarem um Coro Cênico, que funde as áreas da música, teatro e dança. Nesse projeto atuei como instrumentista, arranjador e professor de apoio. Nesse meio tempo e também depois disso ministrei aulas particulares de violão individuais. Após o coral, pela Prefeitura de Pacajus, tive a oportunidade por um breve período de atuar como regente de um coral de idosos e instrutor vocal do coral juvenil da Escola Raimundo Sotero, sempre usando o violão como instrumento de apoio. “



Roni Flow - Educador de Artes Visuais

“Desde 2011 trabalho em instituições ligadas à juventude como educador social e agente cultural, realizando momentos de formação e pequenos eventos institucionais.

em 2014 passei a focar mais no trabalho artístico de uma maneira geral, com o trabalho musical do “ghettoroots” e a criação de um coletivo no bairro edson queiroz chamado “ocupa cajueiro”, com a finalidade de levar arte, cultura e entretenimento às periferias da cidade. na construção de eventos colaborativos como saraus e eventos voltados a juventude periférica. no fim de 2016 tive a oportunidade de ir a suécia participar de um projeto de intercâmbio entre jovens, chamado “fala favela”, no intuito de fortalecer os métodos de criação e produção da arte periférica dentro das comunidades. em 2017/2018 fiz parte da equipe de produção da ocupação artística do teatro carlos câmara, no projeto “é o gera”. com foco nas formações técnicas como sonorização , fundamentos de áudio, produção de palco e audiovisual. atualmente estou voltado às formações na área de produção cultural, técnica, audiovisual e artes visuais.”



Alexandre Rilker - Educador de Dança

“Dança desde criança, hoje sou bailarino, coreógrafo e professor, já participei de vários ballets, tendo sobretudo meu tio Odail Freitas me apoiado nesse percurso em construção coletiva, com uma nova compreensão de estar em sinergia. Tenho buscado crescer e aprender ainda mais para poder partilhar. Sou brincante da cultura popular, danço quadrilha junina, bem como experimento diferentes ritmos para trazer para as aulas essas vivências”



Thiago Moreira - Educador de Cultura Afro Brasileira

“Meu nome é Tiago, tenho 32 anos, sou educador de capoeira a mais de 10 anos e tenho curso de formação de professores do Grupo Muzenza, que permite a minha pessoa lecionar em todo território brasileiro e fora do país, tenho exatos 19 anos de capoeira e amo minha arte, amo ser um facilitador, assim contribuindo para que as pessoas aprendam mais sobre a capoeira e cultura afro-brasileira.”

BATENTE: Práticas artístico-pedagógicas na Maloca

Vamos aprender? Chegou a hora de conhecer mais de perto o que os educadores têm feito dentro de suas aulas, vamos, juntos com eles, ocupar um lugar de aprendizagem, na sala de aula, então, estejamos abertos.

Assim como o cajueiro, árvore presente em todo Ceará que faz parte da identidade da cidade de Pacajus, a prática artístico-pedagógica será observada em sua integralidade, observando a relação intrínseca que se estabelece no plantar, crescer, florescer, partilhar e colher. Considerando a aprendizagem como algo orgânico.

A partir dessas reflexões, propomos dois momentos juntos aos educadores da escola livre, primeiro uma roda de conversa para sensibilização e imersão nos conceitos e, em seguida, aplicação de uma entrevista e pesquisa com questionário semi estruturado, a fim de juntos, identificar e apresentar neste caderno as práticas artístico-pedagógicas que inspirem outros educadores e os fortaleçam. A seguir, iremos pegar no batente, termo popular cearense usado para “trabalho”, e iremos conhecer o resultado desse processo de pesquisa.

Enquanto pesquisador, não quis adentrar as aulas dos educadores e agir como intruso, mapeando seu fazer e os tecendo julgamentos, mas sim, em uma observação participante, propus de antemão uma sensibilização para autoconhecimento e reflexão de sua própria práxis, para que eles mesmos pudessem identificar e comunicar o que fazem, a sua maneira.

Mas afinal, o que são práticas artístico-pedagógicas? Temos várias significações, a mais recente foi publicada em 2021 na Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, onde a educadora Patrícia Silva afirma: “Prática pedagógica é a união de teoria e prática no exercício de ensinar e apreender conhecimento, na ação pedagógica. Essas práticas envolvem tomar consciência de todo processo educativo e as ferramentas utilizadas pelos professores para que ele aconteça.” (SILVA, 2021)

Nesse contexto, podemos inferir que a prática artística-pedagógica envolve a reflexão dos professores acerca de seus saberes articulados aos processos de ensino e aprendizagens realizados na comunidade, para além de uma sala de aula, no caso do Maloca, através de práticas pedagógicas que mobilizam uma a experiência artística. Quando falamos de um processo de experiência na aprendizagem artística, podemos pensar em uma aprendizagem que mexe e remexe a memória do nosso corpo de professor e também dos estudantes. Quais recortes são feitos das nossas realidades, da nossa relação com a nossa história, com o conhecimento e com as nossas vidas reais.

A pesquisadora Silva (2021) afirma que o percurso pessoal de cada educador vai interferir na forma como ele entende e conduz essas práticas artístico-pedagógicas na sala de aula. Isto é relevante para este texto porque os avanços das práticas devem acompanhar os avanços ocorridos na nossa sociedade como o uso da tecnologia, trazendo a aquisição do conhecimento mais atraente e próxima da realidade dos alunos.

Nessa perspectiva, a prática artística-pedagógica é conceito fluido, em constante atualização, mas que nos leva a entender que essas ações estimulam o engajamento para o processo ensino e aprendizagem e permitem a reflexão e criação, no desejo de promover partilha e geração de conhecimento.

Os processos de concretização das tentativas de ensinar e aprender ocorrem por meio das práticas artístico-pedagógicas. Estas são vivas, existenciais, interativas e impactantes, por natureza. As práticas artístico-pedagógicas são aquelas que se organizam para concretizar determinadas expectativas culturais, sociais e educacionais (FRANCO, 2016).

Voltando nosso olhar para a práxis, do ponto de vista teórico-metodológico, observa-se que no caso da Escola Livre de Cultura Maloca das Artes, o corpo docente, atendo-se ao projeto político pedagógico, define em conjunto, uma questão temática, que gere a intencionalidade e sentimento de pertencimento, voltando o olhar de todos para a sociedade atual, como nos diz o pesquisador Franco (2016).

Partindo desse entendimento, compreendemos que as práticas apresentadas a seguir partem dessa provocação neste semestre 2021.2:

“PACAJUS E MALOCA DOS BRILHANTE 15 ANOS, VÁRIAS PESSOAS, VÁRIAS HISTÓRIAS”
(LIRA, 2021)

O mote escolhido para o semestre celebra a jornada de 15 anos do projeto com a cidade de Pacajus, dando destaque às pessoas que passaram pelo projeto, valorizando as suas jornadas e aprendizagens, que constituem um elo afetivo de memória e pertencimento, compreendendo cada pessoa como um mundo. A partir dessa reflexão, cada educador propõe desdobramentos possíveis que possibilitam novas práticas artístico-pedagógicas que têm o processo de pesquisa e criação atrelado ao mote do semestre. Aqui iremos conhecer um pouco as proposições iniciais para criações de cada oficina realizada na Escola de Artes do Maloca no ano de 2021/2022. A mostra artística destes processos estão planejadas para ocorrer em Maio de 2022, em evento aberto para a comunidade. Partindo disso, conheceremos a seguir as práticas artístico-pedagógicas sob a ótica dos educadores:

Lana Furtado - Educadora de Teatro

“Utilizamos o cordel de um artista local, o poeta Augusto Secundino, como ponto de partida para a criação de cena, onde a turma falaria de temas regionais que partissem do seu cotidiano. Trabalhamos com a leitura dramática e jogos teatrais, para estimular a criação cênica e dramatúrgica, resultando em um texto de esquete, na estrutura da literatura de cordel. “



A educadora dá destaque ainda como a prática pedagógica contribui para a identidade e cultura local: "Além de apresentar a literatura de cordel em diálogo com o teatro, as crianças e jovens puderam conhecer o artista local Augusto Secundino e sua obra, ampliando as possibilidades cênicas e conhecendo o nosso patrimônio cultural. A partir dessas referências e partilhas e conversas, puderam experimentar “micro-cenas que partiam de temas transversais oriundos dos cordéis e do cotidiano da turma, gerando debate e criação.” (Depoimento da arte-educadora Lana Furtado)

Yuri Allan - Educador de Fotografia e Audiovisual

“Trouxe para a sala de aula uma referência viva, o fotógrafo documental Felipe Sousa, que tem um trabalho expressivo no registro dos mestres e mestras da cultura local, bem como tem de forma independente, se dedicado à causa da memória e cidade em Pacajus. Ele partilhou e realizou atividade com os alunos sobre seus”

Podemos observar que o educador ressalta como a prática artístico-pedagógica contribui para a identidade e cultura local: “Promovendo integração prática entre aluno - profissional e fortalecendo um artista local e reconhecendo a necessidade de registro da nossa memória para as novas gerações” (Depoimento de arte-educador Yuri Allan).



Filipe Nogueira - Educador de Música

“Na aula de compreensão rítmica, apesar de ser um curso de violão, a turma utiliza principalmente os ouvidos e as mãos para a atividade. A ideia é fazer com que compreendam que a música se dá no corpo independente de instrumentos musicais. A escuta é primordial, afinal música é um fenômeno sonoro e a expressão musical através do corpo é anterior ao instrumento.”

O educador destaca que a prática contribui para a identidade e cultura local na seguinte perspectiva: “A partir de um fazer musical alternativo, não tradicional, surge a reflexão sobre o que pode ser música e o que é considerada música boa ou ruim. Pode-se usar esse contexto para trazer música tradicional local ao trabalho de musicalização, reforçando a pesquisa e o resgate da identidade e cultura locais.” (Depoimento de arte-educador Filipe Nogueira)



Roni Flow - Educador de Artes Visuais

“Estou utilizando sempre aulas externas, estimulando a turma a ressignificar o espaço do centro cultural, colocando em prática as técnicas de pintura que aprendemos durante o percurso [...]”

O educador destaca que para fortalecer a cultura e identidade local através das artes visuais: “Além de estimular a prática do trabalho em grupo os alunos criam um sentimento de pertencimento com o local , fazendo com que eles zelem cada vez mais pelo espaço tornando se multiplicadores das práticas cidadãs e de cuidado com o bem coletivo” (Depoimento do arte-educador Roni Flow).



Alexandre Rilker - Educador de Dança

“Não é só dança, é desenvolvimento integral, estamos em um processo de experienciar vários ritmos no desejo de criar uma narrativa nossa, autêntica e identitária, para isso, cada encontro tem uma improvisação partindo do tema do semestre. Além disso, promovemos um momento de saúde para outubro rosa, aula dinâmica com conteúdo contemporâneo e de conscientização, pois além de ser trabalhado a autoestima, envolve um tema transversal.”

O educador ressalta que, através do movimento dançado, “Vamos trabalhando a socialização apresentando nosso cotidiano e nossa história através de uma atividade rítmica”, contribuindo assim para fortalecer a identidade e cultura local.



Thiago Moreira - Educador de Cultura Afro Brasileira

“Tivemos uma vivência com o mestre Zé Renato, o primeiro mestre que trouxe a capoeira para o estado do Ceará, ele relatou que a maloca dos brilhante foi o primeiro lugar que houve uma movimentação de capoeira no interior do estado do Ceará. Isso foi um acontecimento muito importante para nossa arte, hoje o mestre Zé Renato não está mais entre nós porque ele faleceu, mas temos registrado toda nossa vivência com ele. [...]”

Já o educador traz o seguinte destaque de sua prática a identidade e cultura local: “Reforçando a preservação da cultura afro-brasileira em nossa cidade para que a população tenha acesso a essas informações de maneira gratuita e interativa”(Depoimento do Educador Cultural Thiago Moreira).



A sala de aula é expandida quando observamos as práticas aqui apresentadas e as conexões pessoais, históricas culturais e de autoconhecimento nas propostas de aulas. Notamos um importante encontro de afetos entre alunos e educadores com o território, ampliando o lugar da arte, a colocando em um lugar de engajamento com a cultural local, empoderando e possibilitando a autonomia e criatividade dos alunos, promovendo experiências estéticas, tornando fluido o processo de ensino e aprendizagem com arte.

Com a definição de uma temática construída no coletivo, que finca raízes identitárias, sementes são plantadas em cada aula e frutos brotam em abundância para serem colhidos a partir de um processo de crescimento fluido, que garantirá novos ciclos.

É importante observar que as práticas apresentadas têm como essência a relação teoria e prática, de experimentação e percepção a partir da prática e impacto da mesma na relação com o grupo em tempo real. As práticas dialogam com uma visão decolonial da educação, propondo outros saberes no processo ensino aprendizagem, processos ligados a saberes e fazeres populares que tem valor simbólico para a educação e para esta comunidade. Percebo nas práticas artísticas-pedagógicas realizadas na Maloca dos Brilhantes uma abertura de caminhos para se pensar em possíveis metodologias e uma didáticas engajadas, articuladas com conhecimentos que escutam um imaginário simbólico-cultural local, contribuindo assim para através da arte, criamos espaços de construção de conhecimento crítico e inventivo sobre si e sobre o mundo.

BALAIO: Encontros e potências coletivas

A seguir, buscarei trazer os traços mais relevantes deste conjunto de práticas artístico-pedagógicas, bem como um recorte do processo criativo e inventivo, tecendo conexões que existem e fortalecem esse processo de ensino aprendizagem no dia a dia, no batente do trabalho.

Cabe destacar aqui o perfil das atividades propostas. Uma vez que os educadores desenvolvem suas aulas no decorrer de semanas contínuas que integram um semestre, nota-se que eles buscam explorar as questões e conectá-las em aulas subsequentes, dando processualidade à prática artístico-pedagógica. O dia a dia na sala de aula é que fortalece a práxis e promove junto aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências. Os educadores destacam que o desejo é a criação de um produto artístico, não as amarrações a avaliações, classificações, mas sim a integração e trabalho coletivo, tendo na criatividade, participação e partilha como aliados.

Destaco que esta pesquisa, bem como a retomada das aulas, estão inseridas em um contexto adverso da pandemia do novo coronavírus que desafia no mundo desde 2020, fez com que educadores, coordenadores e alunos buscassem novas formas de se integrar e interagir em sala adotando protocolos sanitários que asseguram a saúde de todos. Antes e agora reforçado na pandemia, sala de aula são os diversos espaços do Centro Cultural Maloca dos Brilhante, debaixo dos cajueiros frondosos ou da palhoça, nos jardins ou embaixo das mangueiras, os processos e encontros se dão sempre no contato com a natureza e com o espaço aberto.

Outro ponto relevante a destacar é o perfil dos participantes, as turmas são mistas e intergeracionais, vemos idosos e jovens, crianças e adultos, adolescentes e jovens ocupando o mesmo espaço de aprendizagem, convocando os educadores para pensar em práticas artístico-pedagógicas inclusivas, acessíveis e conectadas às demandas sociais e de globalização, pensando a inserção de recursos tecnológicos como projeções, participação virtual de convidados.

Nota-se também os processos de partilha, uma vez que os educadores promovem encontros de integração das turmas e deles mesmos, onde podem juntos traçar os rumos da escola, buscar a resolução de questões coletivas e individuais e até mesmo partilhar suas práticas. A escola também promove formações semestrais temáticas voltadas para os educadores, alunos, comunidade artística e população em geral, integrando os diversos agentes sociais, trazendo um formador de renome em linguagens previamente estabelecidas. Semestralmente acontece uma reunião de pais e responsáveis, onde os educadores e coordenadores aproximam a família da escola, promovendo pertencimento e engajamento de todos no processo de ensino e aprendizagem.

Semestralmente, a escola também promove uma grande mostra, que traz para a comunidade o resultado da construção processual dos produtos artísticos que se deram durante o semestre, em uma apresentação que une todas as linguagens e cursos, dando visibilidade à pesquisa, ao processo criativo, artístico e pedagógico e reconhece os alunos e educadores, além de ser um importante momento de confraternização e integração escola - comunidade. Promove ainda a interdisciplinaridade e integração dos cursos e processos pedagógicos e artísticos.

O diálogo com o território é contínuo, uma vez que a escola se centra em trazer em seu projeto político pedagógico essa premissa, assim, observa-se que gestão pedagógica e educadores focam em pesquisas com/na cidade, sendo esta objeto de criação pedagógico e artístico, reconhecendo seus agentes e os inserindo-os nos processos, promovendo aprendizagens, sensibilização e responsabilidade com questões que a atravessam, como desenvolvimento sustentável, acesso à educação, cultura e entendendo estes elementos como direitos e precedentes necessários ao desenvolvimento.

Para promoção e fortalecimento da educação integral, existe uma íntima relação entre a escola regular e a escola livre, uma vez que existe uma articulação da escola livre com a Secretaria Municipal de Educação de Pacajus, que vai desde a busca ativa, integração em ações, comunicação das atividades, colaboração em formações e inclusão de educadores da rede municipal em formações e virse-versa.

Enquanto artista-pesquisador-docente, tríade levantada pelo curso de teatro licenciatura do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, acredito que precisamos refletir sobre a práxis pedagógica-artística e articular um processo de observação participante diariamente, para nos aperfeiçoar e compreender qual impacto, mudança e construção de conhecimento estamos promovendo, assim, este trabalho buscou trazer clareza também para esse ofício do ensinar.

Observa-se nas práticas a valorização do brincar, das brincadeiras e expressões culturais populares, como o cordel e seu criador, a capoeira e seu mestre, a fotografia documental e seu agente criador, bem como nossos arte-educadores trazem a aula como espaço de integração e aprendizagem. Fortalecendo assim, dimensões simbólicas, cívicas, éticas, sociais, culturais e sobretudo cidadãs, tendo na arte - educação um espaço de estímulo ao senso crítico e criativo que colaboram para a emancipação e empoderamento social, fortalecendo assim, a educação na perspectiva integral, que complementa e expande o que se aprende na escola e integra a escola nesse processo.

Como parte dessa pesquisa, levantei também junto aos educadores os desafios que eles identificam em ordem de dois eixos, um pedagógico, os quais foram identificados: atualização didática intensa e dificuldade temporal para realizar a interdisciplinaridade na condução das aulas, composição das turmas mistas e intergeracionais que requerem outras didáticas, pesquisas e diversidade cultural que requerem mais tempo para os processos. Já em relação aos desafios de ordem técnica, foram identificados pelos educadores: necessidade de inovação e recursos, salas, materiais e equipamentos adequados e atualizados.

As práticas artístico-pedagógicas aqui apresentadas, estão em um balaio de muitas outras horas desconhecidas, que precisamos dizer, escrever, compartilhar e aproveitar para fortalecer a educação nas diferentes frentes e esperas. Este balaio, que para os cearenses é local de transportar coisas, precisa ser partilhado, levado a outros lugares, enchido com mais saberes e práticas, que possam fortalecer a educação no sentido mais amplo e também contextualizados com necessidades locais e planetárias.

Educação integral é partilha e por sua essência integração de diferentes espaços, agentes e instituições. A escola, por si não, não tem estrutura para a missão de termos uma geração preparada para lidar com diferentes desafios de desenvolvimento. Além de preparar para o mercado de trabalho, também precisamos preparar gerações para as relações humanas, cidadãos e responsáveis com seu meio.

Para pensar a educação artística e práticas artístico-pedagógicas, precisamos ter interlocução com os objetivos da UNESCO, quando as práticas: “fazem a ponte entre três dimensões da aprendizagem – a cognitiva, a social, emocional e a comportamental –, conectando-as a formas artísticas do saber. Como tal, apoia de forma ativa o alcance da Meta 4.7 do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4) e contribui para o alcance de todos os demais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.” (UNESCO, 2021).

As práticas artístico-pedagógicas fortalecem o processo ensino aprendizagem na contemporaneidade porque valorizam o aprender no ato de ser capaz de problematizar, ser sensível a variações materiais que têm lugar em nossa cognição presente, inventiva (CRUZ, 2008).

Vivência e experiência, atividades amplamente exploradas nas práticas artístico-pedagógicas, podem ser parte de um emaranhado de raízes de cosmologias indígenas, onde o aprender é orgânico, onde a sociedade como um todo, em que a educação não se separa, espacial e temporalmente, das demais práticas (BERGAMASCHI, 2007).

Fico muito feliz que você tenha chegado até aqui comigo. Você conheceu minha história, conheceu o impacto da educação em minha vida e conheceu um pouco do universo de educação e cultura realizado no Centro Cultural Maloca dos Brilhante e como que temos mudado a vida de milhares de crianças e adolescentes.

Em 2022, o Centro Cultural Maloca dos Brilhante completará 15 anos de atividade, debuta em meio a uma pandemia que tem nos ensinado a enxergar o mundo com empatia, delicadeza e invenção de novos modos de ensinar e aprender. O desafio só será superado pela cooperação e coalizão de vários agentes, incluindo você, leitor.

Em cada canto do Brasil, das maiores às menores cidades, existem iniciativas sociais que buscam fortalecer pessoas, principalmente as em situação de vulnerabilidade, seja através da educação, da cultura ou formação complementar, ambos buscam a inclusão e desenvolvimento social. Acredite, participe, se engaje, fortaleça essa causa conosco.

Fazendo isso, reafirmamos o papel dos movimentos sociais, em defesa da educação e cultura, bem como ampliaremos a atuação de iniciativas que tem como foco a pessoa, o humano, o desenvolvimento para quem está na base da pirâmide social, contribui sobretudo, para a compreensão de cidadania, uma vez que as pessoas se afirmam como sujeitos de direitos e deveres e agentes transformadores de sua realidade.

Espero poder contar com você. Estamos juntos!

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Ana Mae Barbosa e a educação por meio da arte. [Entrevista concedida a] Ingrid Matuoka. Centro de Referência em educação integral, São Paulo, n. 1528, p 9-11, 26 nov. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Brasília: Ministério da Educação; 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acessado em: 10 jan 2022.

BRASIL. Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 26, Jul. de 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm> Acesso em: 10 jan. 2022.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SILVA, Rosa Helena Dias da. Educação escolar indígena no Brasil: da escola para os índios às escolas indígenas. *Ágora (Unisc)*, v.13, p.124- 150, 2007.

CENTRO INTEGRADO DE ESTUDOS E PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (CIEDS). PPP - Escola Livre de Cultura Maloca das Artes. Ceará, 2017.

CENTRO INTEGRADO DE ESTUDOS E PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (CIEDS). Relatório Anual, 2020. Página inicial. Disponível em: <<https://www.cieds.org.br/docs/RELATORIO-ANUAL-2020-WEB.pdf>>. Acesso em: 10 de dez. de 2021.

CORTELLA, Mario. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos* – 3ª. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire. 2000. (Coleção perspectiva: 5).

Marcos, J., & Cruz, O. (2008). Processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação. *Educ. Soc*, 29(105), 1023-1042.

Educação artística para a resiliência e a criatividade. UNESCO. 2020. Disponível em: https://pt.unesco.org/sites/default/files/2020_art-week-technote_por_final.pdf. Acesso em 11 jan. 2022.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *R. Bras. Est. Pedag.* [online]. 2016, vol.97, n.247, pp.534-551. ISSN 2176-6681. <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa C. De Toledo. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 2004

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LIRA, Patrício Ramonn Teixeira. Conhecendo o Centro Cultural Maloca dos Brilhante. [Entrevista concedida a] Aleffer da Silva Moraes. 12 dez. 2021.

PEDROSO, Juliane Grasielle. ZANLORENZI; Claudia Maria Petchak. Um breve relato do ensino da arte no Brasil.

SILVA, Patricia Amorim da. Prática pedagógica dos docentes. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 06, Ed. 02, Vol. 06, pp. 117-125. Fevereiro de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/pedagogica-dos-docentes>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/pedagogica-dos-docentes

SÁ, Maria da Paz Guedes Dantas.. Conhecendo o Centro Cultural Maloca dos Brilhante. [Entrevista concedida a] Aleffer da Silva Moraes. 12 dez. 2021.

SAVIANI, D. A Filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA, W. E. Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas. São Paulo, Cortez Editora, 1995.

